



INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO QUÍMICA: REFLEXÕES DE SALA DE AULA

Ana Laura Salcedo de Medeiros, analaurasm2@hotmail.com

Pensei muito em como fazer esse relato, vou iniciar me apresentando.

Sou a Ana Laura professora por muitos anos da educação básica e mais alguns no Ensino Superior. Estou no momento na outra perspectiva da educação a de formação de professores¹ nos cursos de Licenciatura em Química e em Ciências. Essa amplitude de saberes converge-se quando estou em sala de aula das licenciaturas, são momentos de resgatar os registros da memória.

Voltando para como escrever recorri a Contreras (2012) *apud* Smyth (1991, p.122), que apontam quatro etapas para a escrita reflexiva, pois a reflexão crítica é um processo orientado e de autoconhecimento. Exatamente o que pretendo com esse relato, reflexão crítica e autoconhecimento profissional. São as etapas:

1. *Descrição*: o que estou fazendo?
2. *Informação*: que significado tem o que faço?
3. *Confrontação*: como cheguei a ser assim?
4. *Reconstrução*: como fazer de modo diferente? (p. 183, grifo do

autor)

Dessa maneira início com a descrição da disciplina.

Descrição

Este relato é sobre a minha reflexão da disciplina “Educação em Ciências V” do primeiro semestre de 2019. A ementa da disciplina é:

Articulação da dimensão pedagógica com o conteúdo específico e as políticas de inclusão. Planejamento da sala de aula em Rodas de Formação. Atuação em situações contextualizadas com registro dessas observações e reflexões. Análise de procedimentos de observação e reflexão de práticas escolares.

Neste contexto, após um ano e meio de afastamento para o doutorado, me fez repensar como organizar essa disciplina cuja temática central é a inclusão. Conversei com os colegas Aline e Moacir, que também são professores da disciplina. A colega Aline sugeriu o contato com a professora Dileta da escola municipal bilingue “Profa. Carmen Regina Teixeira Baldino”.

Pensei que como a proposta é inclusão, seria interessante incluir a escola municipal de educação especial, com foco nos autistas, EMEE “Maria Lucia Luzzardi”. E a escola “José Alvares de Azevedo”, que é um centro de educação complementar para deficientes visuais.

Como organizar a disciplina a partir da ementa e dessas escolas?

Para organizar, primeiramente pensei quem são os estudantes da Licenciatura Química. É um grupo heterogêneo, composto por sete estudantes, graduandos da licenciatura e do bacharelado, portadores de diplomas, doutores e doutorandos.

A proposta foi:

- Leitura de artigos sobre a temática da Inclusão na Educação Básica;

¹ Ao usar o gênero masculino refiro-me a todos os gêneros e identidades.



- Síntese reflexiva de cada texto lido;
- Rodas de conversa e visitas nas escolas: Escola Bilingue Carmen Baldino; Escola de Educação Especial José Alvares de Azevedo e Escola de Educação Especial Maria Lúcia Luzardi;
- Realizar uma atividade de Química ou Ciências com as Escolas;
- Registro narrativo das experiências vividas na Escola/universidade.

Durante as aulas recebemos a visita para uma roda de conversa a Profa. Dileta da escola bilingue, Prof. Danner do IF Sul que faz um projeto de ensino de matemática na escola para cegos, a Profa. Bernadete para falar sobre os autistas, bem como da Profas. Maíra e Lucimara para narrarem como é na escola regular o processo de inclusão. Somente as diretoras da escola José Alvarez não puderam comparecer na FURG, assim, todos nós fomos para a escola para compreendermos sobre os cegos e suas necessidades para a aprendizagem.

A partir desta proposição, os estudantes se organizaram em três grupos para elaborar a aula, elencar o conceito, os procedimentos e atitudes para cada escola. O grupo para escola bilingue escolheu o conceito de densidade, com a produção de um experimento sobre a temática. O grupo para os autistas, foram visitar a escola e sugeriram uma prática relacionada a reciclagem, escolherem a produção de papel. Para a escola de cegos, inicialmente, pensaram em montar modelos atômicos com bolas de isopor, questionei, se nem os que tem visão viram o átomo porque criar um modelo para os cegos?

A partir disso, esse grupo decidiu focar na história da Química, mais especificamente nos “Alquimistas”.

Nos dias da aplicação das atividades eu participei junto, somente na escola bilingue e de cegos que tive que me dividir, pois foram no mesmo dia e horário, mas foi possível participar das duas apresentações dos estudantes de licenciatura.

Penso que agora que descrevi o contexto desta disciplina é o momento da etapa de informação, em que apresento qual significado tem o que faço.

Informação

Como professora formadora, carrego a minha experiência que está mergulhada na teoria. Teoria e prática são processos inerentes ao ser e fazer do professor. Tenho teorias, podemos dizer teorias práticas que estão implícitas na ação. Esses teóricos influenciam na organização da sala de aula que me proponho no momento na formação de professores de Química e de Ciências.

O principal teórico que me constitui é Paulo Freire, ao me encontrar com a ementa, a primeira ação foi criar um tema gerador um pressuposto de Freire para o diálogo e a problematização, e mais, um compromisso com a troca de saberes num círculo de cultura. A partir do Tema Gerador “Inclusão”, busquei como seria na sala de aula do curso de Licenciatura em Química e como proporcionar um círculo de cultura.

Brandão (2008, p. 77) aponta que:

No círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a “dizer a sua palavra”. (Grifos do autor)

O círculo de cultura nessa disciplina inicia com nossa apresentação pessoal e quais as expectativas em relação a inclusão a partir de conceitos da Química. Sendo a proposta dialógica nas rodas de conversa, as professoras e



diretoras das escolas nos apresentaram as características destes estudantes. As professoras da Educação Básica, como é ter um aluno com deficiência em sua sala de aula.

O tema gerador é dialógico e problematizador, porque ao fazermos os círculos de cultura rompemos com a educação bancária da academia e mostramos aos professores da Educação Básica a necessidade da troca de saberes, isso porque:

Enquanto na concepção 'bancária'(...) o educador vai 'enchendo' os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos; na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com eles não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo (FREIRE, 1980, p. 71).

Esses momentos dos Círculos de Cultura nos proporcionaram a tomada de consciência das atividades e ações na Educação Básica e de como a inclusão se dá nas escolas. Foi um processo problematizador, longe da educação bancária e da arrogância de que na academia, nas universidades, é que se estão os saberes. Tive a percepção que os estudantes da Licenciatura compreenderam que mesmo a disciplina ter como objetivo ensinar conceitos químicos para sujeitos com deficiência, não sairão da Universidade prontos para essa tarefa, entenderam que somos inconclusos. Para Paulo Freire, não somos seres acabados, prontos, somos um ser por fazer, um ser no mundo e com os outros envolvidos num processo contínuo de desenvolvimento intelectual, moral e afetivos (FREIRE, 1980)

Essa percepção tive ao ler e interagir com os portfólios dos estudantes, um dos instrumentos de avaliação na disciplina. Essa interação com os portfólios me proporcionaram a reflexão na ação e sobre a ação, como a disciplina estava cumprindo seu objetivo de também ser reflexiva.

Essas informações elencadas após a descrição fizeram-me refletir sobre a confrontação, como cheguei a ser assim?

Confrontação

Muitos pressupostos, valores e crenças que fazem parte da minha história docente iniciu na década de oitenta. Nessa época participava das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), um movimento da Igreja Católica que tinha como base a Teologia da Libertação em que mostrava no Evangelho a opção de Jesus pelos pobres. Nesse ambiente conheci a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, o encantamento pela profissão de professora e a leitura de que a educação pode promover a justiça social, floresceram na menina que era.

Participava de movimentos sociais por moradia, quando alcançado, a necessidade de se ter água, eletricidade e esgotos. E assim, já estava no movimento de escola e saúde para todos. Sempre em Círculos de Cultura e leituras coletivas de livros.

Essas práticas sociais me mostraram que a inclusão é muito mais que uma conquista, é um conjunto de necessidades e de ações coletivas. Essa prática que transpus para a disciplina através da Pedagogia do Oprimido em que Freire (1980, p. 92) aponta que "[...] será possível ensaiar o inédito viável e construir uma pedagogia ética, política e social, baseada na crítica, na conscientização e na



liberdade, reagindo contra todo tipo de opressão ainda vigente em nossa sociedade”. Nesse sentido a inclusão é vista como opressão ao diferente.

Penso que apesar de atual, há um limite nesse pensamento, que se mostrou aos longos desses quarenta e cinco anos da primeira edição da *Pedagoga do Oprimido* em 1974. Foco principalmente na inclusão que em muitos momentos refletem a exclusão.

Seguindo as etapas da escrita reflexiva o próximo tópico é como fazer de modo diferente?

Reconstrução

Em 2020 no primeiro semestre, dialogando sobre esse relato no Cirandar, estarei com uma nova turma de Educação Química V posso concretamente apontar o que farei diferente. A princípio, será incluída a EMEE Maria Montessori que atende estudantes com Deficiência Intelectual e Múltipla e Paralisado Cerebral.

Como no Círculo de Cultura, sempre se aprende, estaremos aprendendo com mais essa escola do município de Rio Grande.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Círculo de Cultura. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 76-78.

CONTRERAS, José. **A Autonomia do Professor**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 327 p. Tradução de Sandra Valenzuela, Revisão de Selma Garrido Pimenta

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 220 p